

RESCATAR VIDA
ESCRITA O SABER
DE SI, RECONHECER-SE
EM SUA
ANCESTRALIDADE

Ingenuidade Inocência Ignorância

raquellima
2009-2019

BOCA
Animal Sentimental

planeta áfrica

sou afrodescendente

afrodisíaca

afrodiaspórica

afroconsciente

afrofuturista

afroresiliente

afro não-condescendente

gostaria que áfrica não fosse um prefixo inconsequente
que fosse um planeta em vez de um continente.

liberdade mais cruel

a minha liberdade sempre foi a mais cruel
a que deriva na alvorada
adormece ao relento
à beira da estrada, a da casa ocupada
a do amor inquieto
rebenta tudo pelo caminho
a esbanjadora
a minha liberdade sempre foi a mais cruel
explode em papel A2 dobrado em 3
diminui-se, martiriza-se
oprime-se, fragiliza-se
liberdade da diva frustrada
que não conta nada
além do arrepio brando do seu tamanco
de salto alto, ingénuo canta
uma regra de régua e esquadro
de ecrã e teclado
é a liberdade da puta amedrontada
que sente tudo mas não sente nada
numa paranóia da encruzilhada
de pensamentos bloqueados na
vontade de ser recta e não incerta
ter um caminho considerado

aplaudido pelos vizinhos
compatriotas desconhecidos em terra alheia
ser pessoa, ser poeta
liberdade cruel e ausente
a mais frustrada
liberdade revoltada
que apenas nua existiria
exposta ao gatilho, à bala, à guilhotina
liberdade na balada, na insónia, no castigo
liberdade sem religião, nem cura nem terço, sem abrigo
liberdade de abraçar os demónios mais cruéis
porque o segredo da liberdade é deixá-los passar por aqui.

Tejo

apanho mais um barco
arco com as consequências do norte ao sul, do sul ao norte
embarco e desembarco mais forte, dessa viagem
miragem de uma Lisboa
onde volto e revolto a divagar à toa
na cidade iluminada, cruzo
pessoas do nada
imensidão desfocada
luzes, cruzes, morada
sem morada
sem abrigos nos cantos, na estrada
sim, Lisboa tem muitos encantos
cidade maravilhosa cheia de encantos mil
numa simplicidade infantil
baloio ao som das guitarras

amarras as cordas e esticas a aragem
embarcas em mais uma viagem

"Tejo, meu doce Tejo, corres assim há milénios
sem te arreperderes?"

entra em mim um rio calmo e selvagem

a porção d'água que me viu nascer, e me faz viver
respirar sobre ti os lamentos das almas
almas vazias

almas vadias

almas boémias

almas despertas

almas dispersas

almas poetas

almas a solo

o pé no solo ao sair do barco, desembarco e embarco
em mais uma viagem

miragem dum Lisboa de artistas

recheada de turistas

com vistas que vão da Graça à Madragoa
silhuetas deambulam à toa

à procura do cheiro tão aplaudido

quicá esquecido? preenchido, invadido

por desesperos dos mesmos roteiros

que preencham miradouros inteiros

eléctricos ciclicamente circulares

tautologicamente cíclicos

circularmente métricos

eléctricos

apanho confiante enquanto almejo

que sejam eléctricos em direcção ao Tejo.

rotina

estou exactamente onde queria

aprendo a inércia da rotina

quotidiano

diário

passo

dia

semana

mês

ano

medidas do suor linear da apatia

"cuidado" um conselho maternal
que se extingue com o auto-cuidado

prefixo em tudo o que faço

auto-exílio

auto-massagem

auto-reflexão

auto-abraço

tudo menos automático

tudo menos mecânico

tudo menos robótico e maquinal

desenlaço-me do expediente

e do modo industrial

claimer-disclaimer

as cidades, o ocidente
a burguesia e seus privilégios
os europeus e seus pensadores
filósofos e doutores
fizeram-nos chegar ao ponto
de questionar tudo
subverter tudo
separar tudo

disseram-nos que
ter pensamento próprio
é ser indivíduo, indevido:
aquele que demarca esferas
sublinha fronteiras
que se sente ferido
e receia as feras mesmo se escondido
que fala por trás e ao ouvido
[claimer - disclaimer]

que questiona o próximo para que fique claro
que o colectivo se faz separado.
mesmo se a separação

foi sempre ponto de partida e chegada
e, por ser separação, se fez do encontro estrada

chegámos ao ponto de gritar
não me colem, não me agrupem
a união já não faz a força
a união não se faz à força
não me identifico com aglomerados
que não se saibam reflectir, defender
ou cantar em uníssono a mesma ladainha
não consigo consentir vozes dispersas da minha
não quero partidos, nem religiões
grupos para trocas de opiniões
cansei de construir-me com outros
já não reconheço o meio-termo
entre abrir-me ou fechar-me em concha
qual ostra preciosa que apodrece antes de chegar à boca
que morre depressa, e morre sozinha

já não distingo grupo de colectivo
encontro de objectivo
partilha de premissa
espontaneidade de missão
vontade de tarefa
abraço de contratualização

ponte de interesse
alargamento de apropriação
união de assimilação

as cidades, o ocidente
a burguesia e seus privilégios
os europeus e seus pensadores
filósofos e doutores
disseram-me que o aglomerado sou eu

e que vou morrer
sozinha.

retratos

são seis da manhã e Isa sobe a Calçada do Combro
consigo traz três crianças:

uma a pé, outra ao colo, outra ao ombro
filhos de desconhecidos e de amizades coloridas
filhos de sexo, drogas e rock'n'roll em noites desprotegidas
agora deixou-se de amigos a cores
Isa opta por amigos a black and white
amigos que lhe dêem mais fight
que não sejam meras figuras da night
everybody needs love, right?

Pedro, Nuno e Manel chegam ao cais de cacilheiro
não têm dinheiro, mas querem beber o mundo inteiro
no Cais do Sodré isso é possível:
o mundo inteiro à beira-rio e seu ar
viajam da Jamaica a Tokyo, da Irlanda à Europa, sem sair do lugar
sobem cambaleantes, cantantes a Rua do Alecrim
ninguém conhece bem o caminho, o princípio ou o fim.

a criança entra às oito da manhã no barco para pedir esmola
estômago vazio, equilíbrio por um fio, sapato sem sola
nos olhares há um misto de ternura e censura
quem é que, em pleno juízo, permite tamanha loucura?